

A moça que veio de longe

SENADORA DO ACRE PELO PT, MARINA SILVA GANHA RECONHECIMENTO INTERNACIONAL COM PREMIAÇÃO DA ONU

POR LUCIANA NUNES LEAL

Maria Osmarina Silva de Souza nasceu para ser seringueira. Aos 16 anos, mudou de vida. Saiu do "meio do mato" onde nasceu, no Acre, foi morar na capital e resolveu ser freira. Três anos mais tarde, os planos já eram outros. Decidiu se dedicar à preservação da Floresta Amazônica, do trabalho artesanal, da sabedoria dos nativos e das aldeias indígenas. Esse plano vingou. Marina – chamada assim desde bebê, "graças a Deus", por uma tia que não sabia ler, escrever nem pronunciar o nome correto – conheceu o líder seringueiro Chico Mendes e se engajou na causa ambientalista. Filhou-se ao PT, foi vereadora, deputada estadual e, em 1994, elegeu-se para o Senado. Nos primeiros meses de mandato, era olhada com curiosidade.

Com dois anos de Senado, Marina saiu do anonimato. Está colecionando títulos e prêmios. Foi premiada esta semana pelo Programa das Nações Unidas para Meio Ambiente, na sede da ONU, em Nova Iorque. O prêmio – não valeu dinheiro, mas diplomas, fotos e menções – foi entregue a apenas 25 mulheres do mundo inteiro. Três da América Latina. Só Marina do Brasil. Também esta semana, a senadora levou um grupo de seringueiros a Brasília e conseguiu do presidente Fernando Henrique Cardoso que o governo financie a extração de borracha. "O presidente foi muito sensível", elogia.

Mãe de Shalon, de 15 anos, Danilo, de 14, Moara, de 7, e Maiara, de 4, a senadora da Amazônia conta que não gosta do tititi dos restaurantes de Brasília nem da moda dos *tailleurs*. Diz tudo isso com fala mansa e jeito de muitos amigos. Aos 39 anos, Marina, sobrevivente de cinco malárias, três hepatites e uma leishmaniose, acha que ficaria parecendo "um *ETzinho* dentro de um blazer", mas garante que não descuida da vaidade. "Faço exercícios todos os dias, há 15 anos. Tenho uma cinturinha ajeitadinha", diz.

Ser mulher, militante ecológica, defensora de índios e seringueiros, filiada a um partido de oposição do governo federal, isso tudo dificulta a convivência com seus colegas senadores?

Por incrível que pareça, não. Todos têm um grande respeito pelo meu trabalho.

A senhora não tem medo de ser vista como a senadora de uma causa só?

O meio ambiente não é uma causa só, é a causa da humanidade. Todo mundo pode ser contra ou a favor da reforma agrária, mas precisa de ar. Todo mundo pode ser contra ou a favor do socorro aos bancos, mas precisa de água limpa.

Esse título da ONU é um prêmio pelo conjunto do trabalho ou por alguma atividade específica?

Pelo conjunto do trabalho. Identificaram mulheres do mundo todo que se dedicam ao trabalho pelo meio ambiente. Não há inscrição. A ONU faz sondagens, pesquisas em vários países sobre o trabalho pelo meio ambiente.

Como começou sua militância ecológica?

Foi quando conheci Chico Mendes, aos 17 anos. Até os 16, morei no seringal com meu pai e minha mãe. Depois que abriam a estrada, ficava a 70 quilômetros de carro de Rio Branco. Antes, eram dois dias de barco. O lugar chamava Bagaço. Tenho três irmãs que moram lá até hoje. Fui para a cidade aos 17 anos e entrei em um treinamento da Comissão Pastoral da Terra. Morava em um convento com as irmãs em Rio Branco.

A senhora ia ser freira?

Era o que eu queria. Morei durante dois anos no Convento das Servas de Maria. Quando saí do convento, já tinha 19 anos. Me apaixonei pela teologia da libertação e aí comecei a me desencantar com a forma mais ortodoxa de religião. Além disso, descobri que não era minha vocação.

Apaixonou-se pela teologia da libertação? Não tinha nenhum rapaz, um namorado?

Fui namorar mais de um ano depois que saí do convento. Não sabia beijar, foi um problema. Depois conheci a pessoa com a qual me casei e não tive vergonha de aprender a beijar com ele.

Como era sua vida no seringal? Não tinha cidade por perto.

Cresci em uma cultura de troca, comum entre os pobres. Meus pais tiveram 11 filhos, morreram três. Minha mãe morreu quando eu tinha 16 anos, de aneurisma. Aí, fui para Rio Branco. Trabalhei, me formei em História. Agora, estou fazendo doutorado na UnB, mas ainda como aluna especial porque não sei inglês.

O senador Antônio Carlos Magalhães derrubou a proibição de mulher usar calça comprida no Senado. Ele é um progressista?

Ele foi inovador. Na verdade, apenas legalizou uma situação que eu já havia rompido na prática. Fui a primeira a entrar de calça comprida no Senado. E não fui barrada.

De 81 senadores, somente cinco são mulheres. Vocês são discriminadas no Senado?

As senadoras não são discriminadas. A discriminação é estrutural, da sociedade.

E a convivência com as colegas, como é? Existe cooperação ou competição?

Já temos tanta coisa a discutir aqui no Senado que, se formos disputar espaço, estamos fritas. Costumo dizer que, quanto mais estrela no céu, mais claro o caminho.

Como é seu dia-a-dia em Brasília?

Moro com meu companheiro e quatro filhos. Dois são meus e dele, e dois do primeiro casamento.

"Fui a primeira a entrar de calça comprida no Senado. E não fui barrada."

E seu marido, trabalha em quê?

Ele é secretário executivo do Grupo de Trabalho Amazônico. Vivemos juntos há nove anos.

Quando não está no Acre, no meio do mato, como a senhora diz, ou no plenário do Senado, o que a senhora faz?

Fico com as crianças. Gosto de ir ao cinema. Meu filho quer ver *Evita*, e eu vou levá-lo.

Que mais a diverte?

Gosto muito de ler coisas leves. Sou curiosa da psicologia e muito mística. Costumo dizer que não tenho religião, tenho religiosidade. Estudo a Bíblia, leio coisas sobre espiritismo e até astrologia. Sempre tive uma relação mística com as coisas da floresta. Tive uma avó muito católica e um tio que praticava rituais indígenas. Os mitos da floresta sempre me fascinaram. Alguns são assustadores.



Sua família acreditava neles? Todos acreditavam, lá no seringal. Durante muito tempo, esses mitos foram o melhor instrumento de defesa do meio ambiente. Se matasse uma caça a mais do que precisava, levava surra do Caboclinho do Mato. Se pescasse mais peixe, a Mãe D'Água afundava a canoa. Tinha uma eficiência grande. Era um sistema mítico altamente potente e que nos deixou sem referência quando chegaram os fazendeiros e madeireiros com as moto-serras, desmatando tudo.

A senhora é vaidosa?

Sou, mas fui construindo minha forma de vestir quando cheguei à cidade. Não quero usar abóbora e verde porque está todo mundo usando. Não faz parte da minha personalidade usar *tailleur* e salto. Eu nasci e me criei na floresta. Nunca imaginei me vestir de *tailleur*. Acho que eu ficaria um *ETzinho* com um *blazer* enorme, a cabeça pequeninha.

A senhora já esteve algumas vezes com o presidente Fernando Henrique Cardoso. Qual foi sua impressão?

Começo a falar das coisas boas ou ruins? Ele conhece os problemas do Brasil, tem uma trajetória progressista, foi referência para intelectuais. Por isso é que sou mais severa quando cobro do presidente. Na questão social, é como se ele fizesse vista grossa: fica no discurso da macroeconomia e não entra nos detalhes do Brasil real. O Fernando Henrique peca exataente porque ele sabe. Sabe o que é seringueiro, o que é sem-terra, sabe do que estamos falando. Não é um informado artificial. Esta semana, ele foi muito sensível às reivindicações do seringueiros.

E Dona Ruth?

À doutora Ruth não tenho críticas. Todas nós, mulheres, temos orgulho de ter uma primeira-dama como ela.

Qual é o problema mais grave em relação ao meio ambiente, hoje, na sua opinião?

Se eu for falar pelo lado do coração, vou dizer que o ponto de maior preocupação é a Amazônia, o que não significa que esteja uma catástrofe. Ainda é possível fazer o certo sem grandes prejuízos. Se continuar como está, é um problema do mundo.

Em que o Brasil progrediu nessa área?

Há experiências isoladas interessantes. Existe, por exemplo, o projeto de manejo dos lagos. Os pescadores do Amazonas

perceberam que não adianta pescar indiscriminadamente. Fizeram uma cadeia dos grandes lagos, com preservação do lago-mãe. Há também o consórcio de plantio de frutas tropicais, no Acre, que garante renda de até cinco salários mínimos para as famílias. Existem também os pólos agro-florestais, com famílias que conseguem pelo menos três salários mínimos por mês.

"Os mitos da floresta já foram o melhor instrumento de defesa do meio ambiente"

Depois do Senado, o que vai fazer a acreana Marina Silva? Sinceramente, nunca programei nada do que ia fazer na política. Quando saí candidata a senadora, estava com problema de saúde. O PT achava que eu devia ser deputada federal. Eu preferi o Senado, acharam que eu estava maluca. Meus adversários tinham rádio, emissora de TV e jornal. Eu não queria concorrer com um monte de candidato, não tinha energia para isso. Tentei e fui eleita. Se, ao fim do mandato, achar que já fiz o que tinha que fazer, não vou me candidatar só para garantir um emprego.

A senhora acha que seu trabalho é mais reconhecido no exterior?

No exterior, o reconhecimento veio em forma de coroa. A revista *Times* me colocou entre os cem líderes do milênio. Recebi o prêmio Goldman de Meio Ambiente, dado pela fundação americana. Depois fui escolhida como um dos cem líderes para o amanhã, pelo Fórum Econômico Global, na Suíça. E agora a ONU. Aqui, fui indicada para o prêmio de Direitos Humanos do Ministério da Justiça. Não fui eleita, mas fiquei muito feliz.

No Dia Internacional da Mulher, a três anos do fim do milênio, que recado pode ser um incentivo às mulheres?

Sempre digo que a minha vida é como um rio e aprendi a andar nas duas margens, a do meu mato e a da correria das formalidades. Nós mulheres temos que aprender a conviver, de um lado, com a nossa feminilidade, nossa sensibilidade, o ser que pare, aquela que fica menstruada. De outro, com o nosso trabalho, nossas lutas, nossas decisões. O grande desafio é mudar a cultura do machismo e do patriarcalismo. Mas essa é responsabilidade dos homens também. Se assumirmos como responsabilidade apenas nossa, vamos fracassar.